

IMAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DAS SÉRIES INICIAIS: uma análise comparativa e avaliadora¹



Esp. Bárbara Barros de Olim (UAB/UFS/CESAD)
barbaraolim@hotmail.com

Resumo: No guia do livro didático do Programa Nacional do Livro Didático, consta, dentre os vários critérios de avaliação “observar se as ilustrações, importantes no auxílio à compreensão e potencialização do texto, são adequadas às finalidades para as quais foram utilizadas, de forma que sejam fáceis para o aluno apreendê-las, mas também que estimulem a curiosidade, o pensamento e as discussões entre os alunos”. Esse, dentre outros critérios, fez o Grupo de Pesquisa em Ensino de História voltar-se para a análise das imagens nos livros didáticos quando seu principal projeto tornou-se a criação de uma coleção de livros regionais. Assim, a presente **monografia** tem como objetivo comunicar os resultados da análise de três coleções de livros didáticos de 1ª a 4ª séries, avaliando cada uma delas. A metodologia da pesquisa contou com o preenchimento e tabulação de dados de formulários, amparados nos conceitos de leitura de imagem de Panofsky, de função didática da imagem, desenvolvido por Rodríguez-Diéguez com base na teoria das funções lingüísticas de Jakobson e no conceito de alfabetismo visual de Donis A. Dondis.

Palavras-chave: Livro didático. Imagem. Séries iniciais.

Abstract: In the guide-book of National Program of Didactic Book, there is, in many of evaluation wisdom “to observe if illustrations, that are important in auxiliary to comprehension and to raise power of text, they are suitable to student learning and also to stimulate curiosity, thought and discussion between students”. This criterion makes the Research Group in Teaching History goes back to analyze illustrations in didactic books when his main design was creation of a regional book collection. So, this monography has like objective to communicate results of analyze and evaluate three didactic book collections from 1o to 4o years. Methodology research was made by filling in and tabulation of formulary dates with indicators: didactic function, type of illustration, activity related, text relationship and others. The exam was supported in concepts of lecture in illustration from Panofsky, by function didactic of illustration, created by Rodríguez- Diéguez based in theory of linguistics functions of Jakobson and concept of visual alphabetism of Donis A. Dondis.

Key-words: Didactic book. Image. First years.

¹ Artigo recebido em 15/8/2010 e aceito em 29/9/2010

Introdução

Com o intuito de produzir uma coleção didática de História de Sergipe para as séries iniciais, o Grupo de Pesquisa em Ensino de História – GPEH vem desenvolvendo diversos estudos, abrangendo livros didáticos de diferentes editoras, a fim de averiguar e comparar padrões e soluções utilizadas que ajudem na construção do seu próprio material (FREITAS, 2006).

Um dos eixos da pesquisa é o estudo das imagens encontradas nos manuais didáticos. Por meio da análise de três coleções de livros do 2º ao 5º anos do ensino fundamental, buscamos responder às seguintes questões: como se ilustram livros didáticos? Há um padrão entre os tipos de livro ou editoras? Há uma preferência quanto ao tipo de imagem utilizada? Como os livros trabalham com as imagens? Os conceitos escolhidos como fundamentação para nossa pesquisa vieram do campo da comunicação, da educação, da história e da psicologia.

Imagem, segundo os estudos de semiótica², é um signo, uma noção completa que designa todo um meio de encarnar a representação mental de um objeto, de uma ideia, de um desejo, com a finalidade de transmiti-lo em forma de mensagem. Dentre os vários tipos de signo existentes, nosso trabalho trata das imagens encontradas nos livros didáticos, que são classificados como ícones, documentais ou artísticos, com alto grau de iconicidade, manuais ou técnicas, fixas, visuais, bidimensionais e materiais³.

Mais especificamente, faremos a análise das imagens-texto⁴, que se dividem em dois tipos: imagens clássicas ou tradicionais, e imagens técnicas. As primeiras são aquelas realizadas manualmente, com o auxílio somente de instrumentos facilitadores da expressão, como, por exemplo, pintura e escultura; as segundas são as realizadas com o uso de

² "O nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer *signo*." "Semiótica, portanto, é a ciência dos signos, é a ciência de toda e qualquer linguagem." (p.7) "A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido" (SANTAELLA, 1983, p.13).

³ Os critérios de avaliação são: finalidade, grau de iconicidade (que vai da fotografia ao gráfico de dados), modo de produção, movimento, natureza, profundidade e níveis de significação (GUERRA, 1998, p. 110-115).

⁴ Diferentemente da imagem-visão (percepção de estímulos visuais), ou seja, o indivíduo vê, ou a imagem-pensamento (construção mental), ou seja, o indivíduo produz significados, a imagem-texto: "diz respeito à imagem que produzimos com o objetivo de nos comunicarmos com os outros. Utilizando utensílios materiais ou equipamentos, damos forma a diferentes tipos de imagens para exteriorizar, mostrar àqueles com os quais nos relacionamos às imagens que vimos e às quais damos significados. Nesse estágio, podemos dizer que o indivíduo se comunica" (COSTA, 2005, p. 27-28).

O termo imagem-texto (image/text) também é utilizado pelo teórico W. J. T. Mitchell, para designar "imagens que podem ser vistas em suportes materiais, que podem ser penduradas na parede, impressas numa página ou destruídas" (MITCHELL, 2009, p. 6).

equipamentos que interferem de forma expressiva no processo de produção, como é o caso de fotografia e cinema (COSTA, 2005).

As imagens-texto têm como intuito principal a comunicação. Dessa forma, entender as mensagens e funções que as elas transmitem, auxilia na determinação do melhor modo de utilizá-las de forma didática.

A imagem possui propriedades comunicativas que, se forem bem utilizadas, podem trazer grandes benefícios para professores e alunos. Por isso, é de grande importância que saibamos lidar com elas, pois, através da televisão ou outros meios áudio visuais, os estudantes já têm um grande contato com imagens e assuntos que serão abordados em sala de aula. Sabendo trabalhar corretamente com as imagens, portanto, o professor pode tirar vantagem dessa profusão de imagens. Segundo Mauad:

Não é de hoje que as imagens visuais servem tanto para educar quanto para instruir. Na tradição pictórica oriental, em um primeiro sentido, integram um conjunto de representações sociais que, através da educação do olhar, definem maneiras de ser e agir, projetando ideias, gostos e valores. Num segundo sentido as imagens auxiliam no ensino direcionado, definindo o saber fazer em diferentes modalidades de aprendizado. No livro didático de História a imagem visual possui também essa dupla função, portanto sua utilização não se limitará somente a ilustrar acessoriamente o conteúdo verbal. Isso impõe alguns cuidados que merecem ser considerados na avaliação dos usos e funções da imagem visual no livro didático de história (MAUAD, 2007, p. 111).

Estimular e direcionar a leitura de textos imagéticos nos livros didáticos de história também pode trazer benefícios que vão além da disciplina, auxiliando o estudante, permitindo que ele desenvolva habilidades como comparar, descrever, enumerar, discriminar, recriar e interpretar qualquer texto ilustrado (GOUVÊA, sd, p. 55).

Os critérios avaliativos adotados no presente trabalho são o resultado da experimentação prática de teorias dos campos da comunicação, educação e artes, já expostos em trabalhos anteriores⁵. Cada item da ficha avaliativa utilizada para tabulação dos dados das imagens produziu valores quantitativos e qualitativos. Os critérios avaliativos são: tipo de ilustração, função didática, presença e tipo de atividade relacionada com a imagem, presença e tipo de legenda, cor da imagem e existência de orientação ao professor.

⁵ “Aprendizagem visual: um estudo das funções da imagem como alternativa para novas representações do negro no livro didático”; trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Estudos da Imagem. “Nas páginas do livro didático: um estudo das leituras e funções da imagem como alternativa para novas representações do negro”; trabalho apresentado no VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. Trabalhos realizados conjuntamente com o Licenciado em História, Hermes Alves de Menezes, disponível para consulta no site do grupo de pesquisa: www.ensinodehistoria.com.br.

As coleções utilizadas em nossa pesquisa são: *Projeto Pitanguiá*, da editora Moderna; *Pelos caminhos da História*, da editora Positivo; *De olho no futuro*, da editora Quinteto Editorial; e *Porta Aberta*, da editora FTD.

A presente pesquisa é de natureza quantitativa e qualitativa, de cunho descritivo e bibliográfico-documental. Os procedimentos metodológicos contemplam três momentos distintos: realização da revisão da literatura, relativa a estudos prévios sobre a imagem no campo da comunicação, da educação, das artes e do ensino de História; coleta e tabulação de dados referentes às imagens encontradas nos livros; cruzamento das informações obtidas para elaboração da avaliação dos livros.

Em cada obra foram compiladas e quantificadas todas as imagens que acompanhavam ou não os textos, e esses dados foram transcritos para fichas específicas previamente confeccionadas para esse fim, no intuito de facilitar a tabulação adequada e análise ulterior. As fichas foram elaboradas com base nas teorias de alfabetismo visual, função didática da imagem e leitura da imagem⁶ e contêm campos preenchidos de acordo com as especificidades de cada imagem, tais como: tipo de ilustração, presença e tipo de legenda, função didática da imagem, presença e tipo de atividade relacionada, cor e presença de orientação do Manual do Professor.

Após o preenchimento das fichas, foi feita a tabulação dos dados no computador, através do programa Microsoft Access, em um banco de dados que nos permitiu a contagem das informações obtidas através dos fichamentos. Com essa contagem, foi possível a elaboração de gráficos de porcentagem que traduziram em números as imagens dos livros didáticos. Os dados compilados nas etapas anteriores foram submetidos a um cruzamento bibliográfico para que a partir daí os números ganhassem significados para a pesquisa.

Com os dados traduzidos, partimos para as análises e avaliações das coleções escolhidas, procurando encontrar as sutilezas e inovações no trato com as imagens que cada um dos livros traz.

Algumas considerações sobre a imagem

O principal conceito desta é o de imagem, acompanhado dos conceitos de ícone e imagem-texto. A imagem com a qual trabalhamos é definida por Martine Joly como algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de

⁶ Nessa pesquisa é utilizada a técnica de leitura da imagem, descrita por Panofsky, que é dividida em três níveis, pré-iconográfica, iconográfica e iconológica.

qualquer modo depende da produção de um sujeito, sendo ela imaginária ou concreta, passa por alguém que a produz e alguém que a reconhece (JOLY, 1996).

Segundo Miguel Guerra, estudos da semiótica definem a imagem como um signo, uma noção completa que designa todo um meio de encarnar a representação mental de um objeto, de uma ideia, de um desejo, com a finalidade de transmiti-lo em forma de mensagem (GUERRA, 1998, p. 84).

Para entendermos especificamente qual é a imagem que encontramos no livro didático, refinamos mais um pouco os desdobramentos da semiótica. A imagem como é definida acima, é um signo, elemento que estabelece um sistema de comunicação ativo, em virtude de sua potencialidade de suscitar outros signos de resposta. O signo é composto por um objeto (que pode ser um fato), um interpretante (que pode ser uma interpretação feita) e um representante, que é o corpo do signo em si.

Na relação entre o signo e o objeto que ele representa há uma classificação em: ícone, índice e símbolo. O índice é um signo que leva a identificação por associação ao objeto. Ex: a fumaça é um indício de que há fogo. O símbolo é um signo que guarda pouca semelhança com o objeto ou ideia representada e tem seu significado dependente de características culturais como, por exemplo, o pentagrama, que para alguns povos representa o equilíbrio, mas para outros simboliza cultos demonizados.

O ícone corresponde à classe de signos cujo significante mantém uma relação de analogia com o que representa, isto é, com o seu referente. “Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese que represente uma árvore ou uma casa são ícones na medida em que se ‘pareçam’ com uma árvore ou uma casa” (JOLY, 1999, p. 35).

Miguel Guerra nos dá uma classificação mais específica sobre a imagem encontrada no livro didático: seriam ícones, de finalidade documental ou artística, com alto grau de iconicidade, ou seja, guardam grande semelhança com o objeto real e que, quanto ao modo de produção, podem ser manuais ou técnicas; quanto ao movimento, são fixas, de natureza visual, bidimensional e de significação material.

Com relação ao objetivo da imagem, optamos por trabalhar com o método de classificação estabelecido por Cristina Costa, que se baseia na natureza da construção da imagem. Assim, temos três tipos: a imagem visão, a imagem pensamento e a imagem texto. Trabalharemos com o conceito da imagem texto, que “corresponde àquelas produzidas por nós, com o intuito de nos comunicarmos com os outros, expondo, pelo menos em parte, o mundo subjetivo e imagético que trazemos dentro de nós e que nos distingue como sujeitos” (COSTA, 2005, p. 28).

Ainda de acordo com Costa, há uma divisão da imagem texto em dois tipos: imagens clássicas ou tradicionais e imagens técnicas. As imagens tradicionais são aquelas produzidas a partir do uso de técnicas manuais e gestuais e instrumentos que apenas facilitam ou potencializam a expressão do autor, tais como o pincel, o buril, a sapatilha de balé, o lápis, os instrumentos de percussão etc. As imagens tradicionais são assim chamadas porque utilizam linguagens tão antigas quanto a cultura humana, como, por exemplo, pintura, desenhos e esculturas (COSTA, 2005, p. 28).

As imagens técnicas são produzidas principalmente com o uso de equipamentos que interferem de forma significativa no seu processo de produção e pressupõem uma íntima integração de máquinas e recursos extra-humanos. Elas dependem menos das habilidades físicas do autor e admitem processos de ampla reprodução, como a fotografia, o cinema e as imagens digitais (COSTA, 2005, p. 29). Sendo assim, as imagens estudadas nesta pesquisa são imagens texto com caráter comunicativo visual e podem ser tradicionais ou técnicas.

Dois outras teorias são fundamentais em nossa pesquisa: a de níveis de leitura da imagem, anunciada por Panofski, e a de alfabetismo visual, de Donis A. Dondis. Esta última é defendida por outros autores também utilizados como fonte para este estudo.

A análise iconológica, segundo Panofsky, é constituída de três etapas: o primeiro momento, denominado pré-iconográfico ou fenomenológico, que tem como função a identificação e enumeração das formas puras reconhecidas como portadoras de significados, ou seja, o mundo dos motivos artísticos, exemplo: vendo determinada imagem, percebemos cores, uma mesa, figuras humanas, uma refeição.

No segundo momento, chamado de iconográfico, diz respeito ao domínio daquilo que identificamos como imagens, histórias e alegorias, exemplo: um grupo de figuras sentadas a uma mesa de jantar numa certa disposição e pose representa a *Última Ceia*, de Leonardo da Vinci.

O terceiro momento, chamado de iconológico, onde identificamos a camada da essência, ou significado intrínseco ou conteúdo, é dado pela determinação dos princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica, exemplo: nesta etapa identificamos o quadro como renascentista, seu objetivo filosófico e sua estética. Nesse terceiro momento, precisamos de informações que nos levem a esta leitura.

Ao conceber assim as formas puras, os motivos, imagens, histórias e alegorias como manifestações de princípios básicos e gerais, a técnica de Panofsky propõe a interpretação de

todos esses elementos como valores simbólicos. A descoberta e interpretação desses valores simbólicos é objeto da iconologia.

A alfabetização visual anunciada por Donis A. Dondis é a forma pela qual as pessoas teriam condições de extrair de uma imagem toda sua mensagem e conteúdo sendo ele subliminar ou não. Essa teoria ressalta a importância de aprender a entender as imagens por si mesmas, sem que para isso seja preciso um texto escrito para auxiliar.

Para a criança, público atingido pelos livros estudados neste trabalho, a visão é prioritariamente um instrumento que agrega múltiplas experiências pessoais e sociais. Quando uma criança vê uma imagem, interpreta de acordo com seus conhecimentos prévios, com o que ela já sabe ou não sobre determinado objeto.

Observe a opinião de Dondis sobre a aprendizagem e o visual:

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento “manual”, o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico – a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos, ou naquilo que queremos ver (DONDIS. 2003 p.5-6).

Sabendo da relevância que a leitura da imagem tem para a total assimilação de uma página de livro didático, é essencial observar se certos tipos de imagem vêm acompanhados dos suportes necessários para que o aluno possa chegar a um nível secundário de leitura de imagem.

Por fim, utilizamos a teoria das funções da imagem, que serve de base para sabermos qual é o real propósito que a imagem ocupa na página de livro a ser analisada. Vale ressaltar que essa classificação só é válida para imagens utilizadas para fins didáticos. Elas estão radicadas tanto em sua natureza quanto em sua intencionalidade e foram desenvolvidas por Rodríguez-Diéguez com base na teoria das funções linguísticas de Jakobson. Dividem-se em: motivadora, vicarial, catalisadora, informativa, explicativa, facilitadora, estética e comprovadora.

A função motivadora é utilizada pelos professores e educadores em geral, quer com as imagens fixas, presentes nos manuais ou com as imagens animadas, recorrendo a sistemas de projeção (cinema e televisão). Com elas, pretende-se despertar a curiosidade e interesse dos discentes para os conteúdos cognitivos que vão constituir os objetivos da aula. A representação de uma passagem exata da narração, que por si só já era entendida, ou a apresentação de ilustrações genéricas relacionadas com o tema apresentado, mas que não

estabelecem um processo interativo com o desenvolvimento verbal constituem alguns tipos de imagens motivadoras.

A função vicarial tem como objetivo apresentar aos alunos, de uma maneira indireta, elementos da realidade, que não podem ser observados **in loco**. A impossibilidade de verbalizar certos conteúdos que originalmente são não verbais, ou de transmitir com precisão nos obriga a utilizar esse tipo de recurso. Ele aparece principalmente quando apresentamos obras de arte, que podem ser descritas oralmente, mas perdem sua precisão.

A função catalisadora é frequente no ensino, utilizando-se a imagem como forma de provocar uma experiência didática, a fim de facilitar a aprendizagem, em virtude do poder que tem de reorganização do real. Esta utilização é antiga no ensino; Comênio⁷ já utilizava esse recurso de organização artificial dos elementos por meio da imagem, para facilitar a aprendizagem, a análise e a relação entre os fenômenos. Um bom exemplo dessa função é uma ilustração de uma escola sem o teto, para que os alunos observem sua estrutura e organização.

A função informativa visa à apresentação de uma série de elementos, tendo em vista fornecer informações concretas sobre eles, coincidindo em parte com a função vicarial. A imagem constitui o suporte didático principal, ocupando o primeiro plano no discurso didático, sendo que as palavras funcionam como um complemento ou reforço da informação, um tradutor do texto icônico.

A função explicativa é também desempenhada pela imagem, quando sobrepomos nela, por exemplo, diversos códigos para explicar graficamente um processo, uma relação, uma sequência temporal. Temos como exemplos de imagens desse tipo aquelas que trazem o ciclo da água na natureza ou etapas para a fabricação do açúcar.

A função facilitadora redundante está quase sempre presente quando utilizamos imagens juntamente com texto, funcionando como complemento ou reforço da informação textual, pois, não só ilustra o conteúdo claramente manifestado no texto, mas também auxilia no entendimento e na atenção dada à página, pelo leitor.

⁷ Jan Amos Seges (depois Komenský) nasce em Nivnice (Morávia) em 28 de Março de 1592. Frequenta a escola latina da União dos Irmãos em Prerov. Ordena-se sacerdote do Sínodo de Zeravice. Em 1657 publica a *Didática Magna*, onde o autor mostra a arte de ensinar tudo a todos, tomando a natureza como exemplo do seu método, onde tudo de vê ser ensinado com solidez, segurança e prazer. Com ela defendeu o caráter gradual e cíclico do ensino e o vínculo entre as palavras e as coisas, partindo do conhecido, próximo, concreto e geral para o desconhecido, distante, abstrato e particular (COMENIUS, 2006).

A função estética está presente em alguns manuais, surge da necessidade de se alegrar uma página e tem como objetivo torná-los mais atraentes, de leitura mais agradável, permitindo um melhor equilíbrio estético da mancha gráfica e ajudando a quebrar a monotonia da leitura.

A função comprovadora tem a finalidade de verificação de uma determinada ideia, processo ou operação. São tipos de imagem que, em livros de física, comprovam o funcionamento, por exemplo, de um sistema de polias e roldanas, ou esquemas gráficos que comprovam teorias de cinética.

Feitas estas considerações sobre a imagem, percebemos quão importante é sua presença em materiais didáticos e o seu estudo, tratando-a como um objeto de auxílio à aprendizagem e ao desenvolvimento cognitivo, através do alfabetismo visual. Tendo em mãos essas teorias sobre a imagem, partimos para a construção de critérios que nos ajudassem a avaliar a sua presença nos livros didáticos escolhidos para a pesquisa.

As coleções

As coleções utilizadas neste trabalho foram escolhidas de acordo com a disponibilidade das editoras. Fomos até cada uma das distribuidoras [de editoras] na cidade de Aracaju, apresentamos nosso projeto de pesquisa e pedimos uma coleção de livros de história do 2º a 5º anos, iguais aos que eles dariam a qualquer professor da rede privada ou pública que os procurassem. Na oportunidade, nos foram doadas as coleções: *Pelos caminhos da História*, da Editora Positivo; *Projeto Pitangüá*, da Editora Moderna; e *De olho no futuro*, da Quinteto Editorial. Todas elas vieram lacradas e foram oferecidas como “livro do professor”. Assim, tivemos em mãos os mesmos títulos [de livros] que estavam sendo distribuídos pelas editoras aos professores do estado de Sergipe.

Nas coleções oferecidas pelas editoras, duas delas estão no Guia do Programa Nacional do Livro Didático, “Pelos Caminhos da História” da Editora Positivo e “Projeto Pitangüá” da Editora Moderna. A coleção “De Olho no Futuro” da Quinteto Editorial tem uma resenha no Guia do PNLD, mas o exemplar que foi oferecido para a pesquisa não corresponde ao mesmo do Guia, pois o utilizado é uma edição mista (História + Geografia), e o do PNLD é em formato separado.

Coleção Pelos caminhos da História

A coleção *Pelos caminhos da História*, da Editora Moderna, está dividida em quatro livros. Os volumes do 2º ao 4º anos enfatizam a História como a ação dos homens no tempo. Nesses, procura-se fugir da cronologia tradicional e busca-se uma metodologia que trabalhe a realidade dos alunos – sua escola, sua família, seu bairro e sua cidade – para que eles possam fazer suas escolhas e se situarem no tempo e no espaço. Porém, no volume do 5º ano, o tratamento dos conteúdos evidencia o tempo linear e cronológico. As questões são trabalhadas com base nos ciclos econômicos, concepção já superada pela historiografia contemporânea. No 2º ano, o tema central é a criança. O estudo da História parte das relações importantes para a criança, como os colegas, a família, a escola, o bairro. O eixo de discussão são as relações de trabalho, e o ponto de partida é o trabalho na família e na escola. No 4º ano, o eixo aglutinador é a organização populacional, e, no 5º ano, optou-se por uma abordagem cronológica dos conteúdos, desde o Descobrimento até o período republicano.

Coleção Projeto Pitangüá

A coleção *Projeto Pitangüá*, da Editora Moderna é apresentada em quatro volumes. No livro do 2º ano, o tema aglutinador dos conteúdos é a criança e o mundo que a rodeia. O estudo da História parte das referências significativas para o aluno, como a infância, a escola, os alimentos e os brinquedos. No livro do 3º ano, o eixo de discussão é o processo de formação e construção do território brasileiro ao longo da História. O ponto de partida é o Brasil atual, um país predominantemente urbano. Por essa razão, o tema do primeiro bloco são as cidades. No livro do 4º ano, o eixo aglutinador são os processos históricos que definem as características próprias dos brasileiros. No livro do 5º ano, o tema central que aglutina os conteúdos é a história da vida pública no país.

Coleção De olho no futuro

A coleção *De olho no futuro*, da Editora Quinteto possui quatro volumes divididos em História e Geografia, sendo que a primeira metade de cada livro pertence a disciplina História. A coleção é estruturada em eixos temáticos, incorporando a renovação historiográfica, pedagógica e a preocupação com a interdisciplinaridade. O tema aglutinador dos conteúdos é a criança e o mundo que a rodeia. No livro do 2º ano o estudo de conceitos históricos parte das referências significativas para o aluno, tais como sua individualidade, o respeito ao próximo, a história de cada indivíduo, a noção de tempo, o cotidiano e suas brincadeiras. No

livro do 3º ano, o eixo de discussão é o meio onde a criança vive. O ponto de partida é sua escola, sua família, sua casa, sua cidade, os meios de transporte e comunicação. No livro do 4º ano, o eixo aglutinador são as cidades, sua formação, a formação do território brasileiro, e a vida na cidade. No livro do 5º ano, o tema central que aglutina os conteúdos é a formação do povo brasileiro, suas origens e contribuições.

Indicadores avaliativos e análise das Coleções: tipos de ilustração

O critério tipo de ilustração tem sua base no conceito de alfabetismo visual de Donis A. Dondis e na teoria dos níveis de leitura de Panofski. Sua relevância vem do fato de que certos tipos de imagem precisam de uma atenção maior para que alguns aspectos de sua leitura não passem despercebidos.

A complexidade de certos tipos de imagem é um ponto importante a ser considerado. Por exemplo, um desenho infantil e colorido, feito especificamente para ilustrar uma página de livro didático, pode ser facilmente entendido e decodificado por um aluno; já uma fotografia pode ser portadora de múltiplos discursos, que algumas vezes nem o professor sabe identificar.

Para o historiador Boris Kossoy, “Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho” (KOSSOY, 1989, p. 33). Dessa forma, é importante sabermos como os livros didáticos lidam com esse tipo de desafio. Com base numa análise minuciosa, podemos perceber se há uma distinção no trato de imagens menos complexas, como os desenhos, e de imagens mais complexas, como fotografias e reproduções de pinturas.

A mesma dificuldade que o professor pode encontrar na interpretação de uma fotografia, devido aos seus múltiplos significados e tendências, ele pode encontrar na interpretação de uma pintura. Devemos enxergar que a pintura é uma forma de representação e uma leitura de determinado momento, com propósitos, assim como a fotografia. É preciso que os professores tenham subsídios para poder ensiná-los aos alunos. Não há como levar o analfabetismo visual para a escola sem uma base informativa tanto para o aluno quanto para o professor. Vejamos o que diz Hilary Cooper:

[...] Las pinturas presentan una visión especialmente selectiva, saneada y manipulada del pasado. (...) La interpretación de las pinturas encierra problemas importantes. Por ejemplo, podemos presentar los estilos como el reflejo moral de una era? Debe interpretarse el arte primitivo como el reflejo de una sociedad primitiva o asociarse el arte recargado con la decadencia?(...). Las ilustraciones de

libros pueden ser una buena manera de presentar a los niños las destrezas de descodificación de pinturas y fotografías (COOPER, 2002).

Observando os tipos de imagens que são utilizados nos livros, conforme as séries correspondentes, podemos estabelecer uma relação de intencionalidade no cuidado com as imagens ou um completo descaso com o texto imagético.

A coleção “Pelos Caminhos da História” traz uma enorme quantidade de fotografias, em detrimento de desenhos, que são mais significativos no primeiro volume, mas que vão diminuindo a incidência conforme vai aumentando a série. As reproduções em geral fazem o caminho contrário dos desenhos, mas nunca ultrapassam a quantidade de fotografias, o que pode ser problemático uma vez que esse tipo de imagem (fotográfica) exige um suporte mais elaborado que, por vezes, é deixado de lado na coleção.

Quanto ao tipo de imagem, a coleção “Projeto Pitangüá” apresentou grande variedade de desenhos e fotos, mas também trouxe mapas, gráficos, quadrinhos e uma quantidade significativa de reproduções de pinturas e impressos em geral. Podemos perceber também uma interação entre os tipos de imagem: para explicar determinado assunto, a coleção abre mão de variados tipos de imagem conjuntamente, unindo por vezes um desenho a uma fotografia ou reprodução artística, para dar um aspecto lúdico à leitura.

De olho no futuro é uma coleção que limita muito a tipologia da imagem, restringindo-a, quase que somente, a desenhos e fotografias que vão alterando suas qualidades, com o passar das séries. Nos primeiros livros, predominam os desenhos, e nos seguintes, a fotografia, que sempre mantém a dianteira sobre as outras formas de ilustração. Se no livro do 2º ano e há mais desenhos que fotografias, no livro do 5º ano ocorre o contrário, mas sem grandes disparidades, e é justamente esse o ponto fraco da coleção: restringir os tipos de imagem, embora isso não signifique dizer que a coleção é pobre. Ao contrário, muitas fotos são de objetos e documentos oficiais e não oficiais e percebemos que algumas pertencem a acervos familiares, o que instiga na criança a percepção de que os registros e fotografias que ela possui em casa, também são fontes históricas.

Funções didáticas da imagem

As funções didáticas da imagem ocupam um papel importante no entendimento da intencionalidade do projeto imagético de cada coleção de livro didático, pois cada função guarda um propósito na página do manual. Assim, desvendá-lo nos ajuda a compreender qual o tratamento dado às imagens em determinada coleção.

Uma maior ou menor incidência de determinado tipo de função numa coleção pode definir o plano de ilustração desta, pode ajudar a perceber o grau de interação entre a imagem e o texto ou se a imagem reforça o componente verbal. Mas o que realmente importa no âmbito das funções da imagem é saber se estas estão sendo utilizadas de forma correta, de forma que auxiliem o aprendizado do alfabetismo visual e do ensino de História. A melhor mensagem didática será, sem dúvida, aquela que for mais eficaz.

No sentido de confirmar o grau de interação que a observação das funções da imagem utilizada nos apresenta, resolvemos adicionar um subitem na nossa ficha de análise das imagens nos livros didáticos, o qual se tornou critério auxiliar para a verificação entre os resultados obtidos com a análise e com a contabilização das funções didáticas da imagem.

Conhecer as funções didáticas da imagem propicia, por um lado, uma maior e melhor aproximação da natureza destas e, por outro, sua utilização ampla e precisa, funcionando como um marco de referência que nos ajuda a entender e empregar papéis para a imagem que vão além do tradicional, onde seu papel fica centrado como um auxiliar da palavra.

Todas essas funções são estudadas tendo como emissor da mensagem o livro didático e como polo receptor o aluno e o professor. Sendo assim, a transferência do conceito de função didática da imagem, para indicador de avaliação da utilização da imagem no livro didático, tem como alvo principal a intencionalidade e o cuidado que é dado a estas informações que chegarão aos receptores na escola.

Vale ressaltar que uma imagem pode ter mais de uma função na página do livro didático, e com a leitura atenciosa deste podemos identificar cada uma. Logo, a contabilização que foi feita nesta pesquisa leva em conta todas as funções que a imagem exerce. Sendo assim, geralmente o número de funções da imagem contabilizadas é sempre maior que o número de imagens encontradas no livro.

Na coleção da Editora Positivo, as imagens com função motivadora e facilitadora estão muito mais presentes que as outras. Vale ressaltar que “outras” referem-se à função informativa, pois quase não há exemplos de outros tipos de função, o que pode ser considerado normal, uma vez que as outras funções didáticas são mais complexas, e por isso mais encontradas em livros do a partir do 6º ano.. Um ponto a ser observado é que a primazia das funções motivadora e facilitadora indica uma fraca ligação da imagem com o texto. Esse fato não é necessariamente ruim, porém, a imagem deixa de ocupar seu papel essencial na página do livro, que é ser também um texto, e não um mero complemento.

Na coleção da Editora Moderna, há um emprego equilibrado das funções informativa, facilitadora e motivadora, testemunhando mais uma vez em favor da coleção, a qual, além de

trazer uma variedade de tipos de ilustração, também os equilibra de forma a serem utilizados de forma racional. Eles tanto ocupam lugar principal na página, quanto servem como auxiliares no entendimento do texto. A incidência significativa da função do tipo informativa expressa o papel importante que a imagem ocupa nesta coleção, ou seja, em primeiro plano, colaborando para a forte ligação entre o texto imagético e o texto escrito.

A grande incidência de imagens que têm relação com o texto escrito, mais a significativa amostragem da função informativa, corrobora com a ideia da importância que a coleção estende ao texto imagético e seu papel na aprendizagem, uma vez que a função informativa caracteriza-se por deter uma forte ligação com o texto escrito.

Em sua organização, a coleção da Quinteto Editorial enfatizou o uso da função informativa presente em quase todas as lições, exercitando a leitura da imagem do aluno. As funções motivadora, facilitadora e estética também aparecem de forma bem equilibrada e sistemática. No início das lições, é utilizada a função informativa e, no decorrer dos capítulos, as outras, de forma ordenada. Esse tipo de esquema parece funcionar de forma fluente na coleção, mas exige um cuidado do professor, no sentido de ensinar as crianças a ler as imagens. Um ponto positivo desse tipo de esquematização é que, na coleção, a imagem é utilizada como texto; no início de cada lição a criança tem que ler a imagem para acompanhar a explicação.

Atividades relacionadas às imagens

O critério que avalia a existência e o tipo de atividade relacionada às imagens presentes nos livros é um dos mais importantes instrumentos para se mensurar o grau de importância que a coleção concede ao papel da imagem.

Já vimos que o alfabetismo visual prega a importância de se aprender a entender as imagens e interpretá-las por si próprias. Logo, as atividades voltadas para a interação e interpretação das imagens são as formas mais significativas de ensinar os alunos a ler as imagens. Segundo Circe Bittencourt,

[...] independentemente da origem da imagem, o problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconológico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual (BITTENCOURT, 2005, p.360-361).

Atividades relacionadas às imagens prestam um serviço indispensável para a alfabetização visual, uma vez que orientam a observação e interpretação das imagens por si só

ou relacionadas a textos escritos, as atividades frequentes proporcionam um constante estímulo visual direcionado para a leitura de imagens. Com isso, o aluno pode, aos poucos, ir se habituando a fazer uma leitura mais substancial das imagens, passando do nível iconográfico para o iconológico.

O “Tipo de Atividade Relacionada” é um critério de análise complementar e, uma vez que a coleção apresente boa incidência de imagens acompanhadas por atividade, partimos para a observação seguinte, que é direcionada para qual tipo de atividade é aplicada a essa imagem e dividimos em dois os tipos de atividades relacionadas com a imagem: leitura e interpretação e interação.

“Leitura e interpretação” abrange as atividades contidas no enunciado “Observe as fotos a seguir”, “Compare as fotos e responda” ou simplesmente fazem perguntas relacionadas a uma série de imagens colocadas para substituir o texto escrito em uma lição, pedindo que as observe, descreva ou relacione com o tema ou entre si. Esse tipo de atividade é importante porque permite que o leitor aprenda técnicas de leitura da imagem e refine seu olhar para aspectos antes não examinados.

No sub-indicador “interação” estão atividades nas quais, obrigatoriamente, o aluno precisa fazer uma leitura prévia, mas que a direciona para o ato de interferir na imagem. Os enunciados geralmente são: “Dentre as imagens abaixo, circule tal e faça um x na tal”, “Pinte o desenho que representa algo” ou “Enumere corretamente a sequência de imagens”. Nesse tipo de atividade, o ponto mais importante não é a leitura em si, mas sim o tratamento da imagem como texto, uma vez que ela não precisa ser explicada através de legendas ou textos de referência.

Com as imagens desse tipo de atividade, o leitor identifica automaticamente o que elas carregam de significado, e realiza a atividade sem dificuldades. São geralmente encontrados nos livros de 2º e 3º anos, onde as atividades com imagem trabalham mais com os conhecimentos prévios dos alunos.

Vale ressaltar que na contagem do número de imagens que são acompanhadas por atividades, contabilizamos todos os tipos, em todas as partes do livro, tantos nos exercícios, parte onde geralmente aparecem as atividades de perguntas e respostas, no fim de cada capítulo, quanto nas lições, que é a parte do capítulo onde há o texto escrito e a explicação dos conceitos.

O indicador “atividade relacionada” mensura o grau de ligação entre a imagem e o texto na página analisada; também nos mostra se existe preocupação por parte dos projetistas em ilustrar o livro com imagens que tenham uma ligação significativa com os textos.

Realmente, na coleção “Pelos Caminhos da História” há uma grande incidência de imagens que mantêm uma relação direta ou indireta com o texto, porém, quando verificamos os resultados dos índices do critério função da imagem, percebemos que essa ligação, embora exista, é fraca e indireta, significando que a imagem ocupa um lugar secundário em relação ao texto escrito, e a sua ausência não influencia no entendimento das lições. Nesse caso, há uma ligação das imagens com o texto, em quantidade, mas essa ligação é fraca.

As evidências são reforçadas pelos resultados deste segundo critério, que mede a incidência de imagens acompanhadas de atividades. Devemos esclarecer que não foram levadas em conta somente as atividades da área de exercícios do livro e sim qualquer tipo de exercício de leitura e interpretação que viesse a ocorrer, seja ele na lição ou no exercício.

Porém, os resultados de atividades que acompanham as imagens são insipientes e reforçam a hipótese na qual acreditamos: na coleção “Pelos Caminhos da História” as imagens são tratadas como coadjuvantes, sendo gritante a falta de atividades que incentivam a livre interpretação ou leitura conjunta da imagem e do texto, chegando a contabilizar menos de 20 atividades no livro onde elas são mais presentes.

Mesmo com pouquíssima incidência de atividades na coleção, ampliamos a investigação para saber qual tipo acompanha as poucas imagens existentes. Todas as atividades com as imagens são de natureza de leitura e interpretação, nos levando a crer que se tratam, na verdade, de pequenas perguntas com a intenção de ajudar na explicação da lição, e fazem parte do texto geral. Isso significa que, nessa coleção, não há em nenhum livro um trabalho específico com as imagens.

Em contrapartida, encontramos claramente expresso na coleção *Projeto Pitangüá*, atividades exclusivas de leitura e interpretação de imagens. Em todos os capítulos do livro, na seção de exercícios, sempre há uma atividade de leitura, comparação, interpretação e/ou associação das imagens com os assuntos discutidos durante o capítulo.

As atividades encontradas geralmente são do tipo “leitura e interpretação” dado o caráter dos exercício em que elas estão presentes, que são de caráter fixador e reflexivo⁸ As atividades do tipo “interação”⁹ aparecem mais no livro do 2º ano, no qual a leitura do aluno frequentemente é imediata e associada às informações prévias. São atividades de fácil

⁸ Quando dizemos fixador e reflexivo nos referimos às características das atividades, que têm por finalidade a fixação de conceitos anteriormente estudados através de perguntas que levam o leitor a reflexão e comparação com seus conhecimentos prévios para obter as respostas.

⁹ Atividades de “interação” se referem àquelas onde o aluno tem que pintar ou assinalar a imagem de alguma forma.

entendimento e fixação, uma vez que se tratam de atividades de pintura e marcação de imagens identificadas.

Na Coleção “De Olho no Futuro”, este critério evidencia a importância que é dada às imagens nessa coleção, confirmando os dados anteriores, onde a função informativa obteve uma amostragem significativa. A relação da imagem com o texto escrito é realmente alta, revelando assim como o texto imagético é tido como peça chave na composição dos livros, mesmo quando a função prioritária não é a informativa - o que acontece no livro do 5º ano.

Nesta coleção, as atividades com as imagens são apresentadas não como parte do corpo de exercícios, mas sim como parte das lições. O aluno precisa interpretar e responder perguntas sobre a imagem, relacionando-a com seus conhecimentos prévios para entender o conteúdo do capítulo. Mais do que fazer parte do corpo do texto, nessas coleções a imagem é o texto.

Não encontramos um espaço voltado somente para a leitura das imagens, como questões frequentes ou espaço nos exercícios de fim de capítulo. Porém, percebemos que as atividades com a imagem estão presentes em todos os textos, mesmo naqueles em que não há um enunciado indicativo de atividade.

Isso explica a quantidade significativa de atividades do tipo “leitura e interpretação”, pois é nesse tipo de atividade que o aluno trata a imagem como um texto imagético e é impulsionado para a alfabetização visual. A pequena quantidade de atividades do tipo “interação” reforça a característica principal da coleção: a imagem não é colocada na posição de atividade “oficialmente”, com questões no exercício que digam o que fazer com ela, mas como parte integrante da lição, sutilmente, porém, de grande importância.

Legendas

Para alguns, o uso das legendas acompanhando a imagem auxilia na sua compreensão e na leitura; para outros, a presença da legenda prejudica uma leitura autônoma, direcionando-a e impedindo múltiplas interpretações.

Num trabalho desenvolvido pela pesquisadora Isabel Martins, ambos os resultados são encontrados:

Os alunos nem sempre fazem uma leitura da imagem no contexto do texto ao redor. O texto ao redor da imagem é ignorado. Em alguns momentos os alunos atribuem facilidade à leitura da imagem e acreditam que o texto não é necessário para o entendimento da mesma. Em outras ocasiões, lêem o texto ao redor. Atribuem dificuldade de compreensão da imagem, sem a leitura dos textos anexos. Atribuem

importância e papel pedagógico à legenda. Realizam uma leitura situada das imagens na página, em relação ao texto ao redor (MARTINS, 2005, p. 38-40).

Segundo as diretrizes do alfabetismo visual, a legenda funciona como um texto escrito que direcionaria a leitura da imagem, não permitindo assim sua livre interpretação pelo aluno que, alfabetizado visualmente, deveria ser capaz de ler o texto imagético por si só, sem o auxílio do texto escrito. Porém, acreditamos que o leitor dos livros analisados ainda não seja capaz de desenvolver uma leitura mais aprofundada da imagem, sem que essa venha acompanhada de legenda, seja ela explicativa ou de referência, tornando-a necessária para o bom desenvolvimento de um alfabetizado visual.

Além da presença da legenda, nosso trabalho buscou também abordar a questão das que foram encontrados, as quais foram separadas em: descritivas e de referência.

As legendas descritivas são aquelas que, como a palavra já diz, descrevem a imagem, seja detalhadamente ou só com uma identificação, e as de referência são aquelas que trazem informações sobre autoria e custódia¹⁰.

Enfatizamos a importância dos tipos e da presença de legendas, quando afirmamos que a ausência destas prejudica certos aspectos da leitura da imagem e voluntária ou involuntariamente omite informações sobre a obra e seu autor, o que também foi feito por Ana Teresa de Souza e Castro da Purificação:

Já foram apontadas situações em relação à reprodução das imagens que dizem respeito à menção da data de produção, do autor, do local onde está a obra original ou outras informações necessárias para contextualizar o documento e estabelecer relações com o tema em questão. A ausência dessas informações está diretamente relacionada com questões metodológicas referentes à reprodução e ao tratamento dado às imagens, porém esta ausência torna visível outras funções, sentidos e implicações que a utilização dos documentos adquire na elaboração das interpretações (PURIFICAÇÃO, 2002, p. 3).

As legendas das imagens têm, necessariamente, o objetivo de esclarecer e reforçar os conteúdos apresentados, permitindo inclusive uma identificação mais precisa daquilo que é mostrado, fornecendo, por vezes, referentes situacionais não suscetíveis de serem decodificados só pela análise da imagem.

Como percebemos nos indicadores anteriores, o caráter das imagens na coleção *Pelos caminhos da História* é ilustrativo e auxiliar. Logo, as legendas fazem o papel de ler para os

¹⁰ Entendemos autoria neste trabalho, como a presença do nome do autor da imagem ao lado da foto, e custódia como a presença do nome da instituição a qual a imagem pertence.

alunos a imagem que não é trabalhada como texto principal. Mesmo tendo uma boa representatividade, as legendas, juntamente com as imagens, ocupam um papel secundário.

Quanto ao tipo de legenda, percebemos que houve uma preocupação em explicar e referenciar muitas das imagens presentes no livro, o que é bom pois ajuda o aluno a perceber a imagem como documento histórico. Infelizmente esse cuidado não se estendeu a elevar a legenda descritiva e a imagem ao grau de segundo texto na página, pois a ligação que as legendas poderiam proporcionar entre a imagem e o texto são fracas e justificam o papel secundário da imagem na coleção.

Bem legendada, a coleção Projeto Pitangá não perde seu caráter alfabetizador visual, embora a teoria de Dondis reforce que é necessário que possamos ler a imagem por si só, a legenda ocupa um papel importante no ensino da interpretação das imagens. Observando os variados usos que a coleção faz da imagem, podemos perceber claramente a preparação de um projeto imagético, onde vemos tipos variados de imagens, desempenhando tipos variados de funções o que, necessariamente, não exige um acompanhamento de legenda, embora esta apareça de forma substancial.

Os tipos de legenda que acompanham as imagens da coleção geralmente não as descritivas, contendo a informação necessária para que o leitor reconheça a imagem: título, procedência, autoria e custódia. Esses dados auxiliam o aluno na leitura da imagem como um documento histórico e um texto imagético.

Sempre presentes acompanhando as fotografias, as legendas na coleção *De Olho no Futuro* agregam a função de texto nas lições junto com a imagem. Unida às fotos, as legendas ganham uma importância crucial no entendimento dos conceitos desenvolvidos pelas lições do livro. No acompanhamento dos desenhos a legenda é mais escassa e muitas vezes ocupa um papel descritivo e nomeador dos objetos desenhados. Cruzando os dados podemos perceber que no livro do 2º ano - onde encontramos um maior número de desenhos - a quantidade de imagens sem legenda é maior.

Quanto ao tipo de legenda, podemos verificar que é predominante o uso de legenda descritiva, por vezes utilizada como texto auxiliar. Uma falta que consideramos grave é o fato de pouquíssimas legendas do tipo custódia, referência e autoria acompanharem as imagens do livro. Todos os créditos das imagens se encontram no fim do livro, onde o aluno dificilmente vai procurá-los.

Cor

O critério avaliativo da cor da imagem observa se ela aparece colorida ou em preto e branco. Esse tipo de avaliação tem a sua importância, uma vez que a cor está carregada de informação sobre a realidade [denotativa] e também muito vinculada à esfera das emoções [conotativa] (GUERRA, 1998). Outro ponto importante sobre a cor é a sua transmissão de significado. Segundo Dondis,

[...] como a percepção da cor é o mais emocional dos elementos específicos do processo visual, ela tem grande força e pode ser usada com muito proveito para expressar e intensificar a informação visual. A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados (DONDIS, 2003, p.69).

O principal significado vinculado com as cores nas imagens dos livros didáticos é o contraste entre colorido e preto e branco. Esse contraste é colocado de modo que o leitor perceba que as imagens em preto e branco são imagens de coisas do passado, e as imagens coloridas de coisas recentes. Em todas as coleções, essa relação é encontrada, principalmente nos tópicos que tratam das cidades, profissões e objetos antigos e atuais. As fotos em preto e branco indicam o antigo e a colorida o novo.

Com isso, as leituras acabam sendo direcionadas pela cor da imagem, ao invés da leitura das legendas ou de outros aspectos da imagem.

Na coleção da editora Positivo, a apresentação predominante das imagens é a colorida, substancialmente mais utilizada em todos os livros do que a imagem em preto e branco. Esta é largamente utilizada para representar fatos ou imagens do passado, algo completamente compreensível, uma vez que fotografias antigas geralmente são encontradas no formato preto e branco. Mesmo assim, percebe-se um esforço por parte da coleção em mostrar as imagens em preto e branco como antigas, e as coloridas como recentes.

As cores das imagens na coleção da editora Moderna aparecem de forma bem conectada com outro critério, que é o de “Tipo de atividade relacionada”. No livro do 3º ano, as imagens em preto e branco, em sua maioria, dizem respeito às atividades de colorir; logo, a incidência maior de atividades, o tipo “interação” no livro do 2ª série, se encaixa com a relativa incidência de imagens em preto e branco. Excetuando-se essa pequena observação, as imagens que realmente são fotos em preto e branco no livro do segundo ano são poucas. Esse tipo de imagem vai aumentando sua incidência com o avançar das séries, o que sinaliza para um cuidado com o uso de certo tipo de imagem (fotografia), que exige uma decodificação que é mais acessível com a idade. Novamente, há um predomínio da imagem colorida em detrimento da preto e branco, porém, não guardam o mesmo sentido adotado pela coleção

anterior, de utilizar as imagens em preto e branco para indicar antiguidade, e as coloridas para o novo, mostrando fotos de realidades recentes, em preto e branco, e de anúncios e lugares antigos em fotos e cartazes coloridos.

Assim como nas duas coleções anteriores, na coleção da Quinteto editorial a dualidade foto colorida **versus** foto preto e branco foi utilizada para designar passado e presente, novo e antigo. Ainda assim, encontramos na coleção exemplos do uso de técnicas computadorizadas para colorir imagens antigas, e a utilização de material colorido e preto e branco sobre coisas da mesma época.

Percebemos que as imagens em preto e branco são gradativamente inseridas nos livros, devido à dificuldade que a criança tem de associá-la à realidade, destoando somente o livro do 3º ano, no qual os desenhos em preto e branco são colocados em atividades de pintura.

Manual do professor

O último critério a ser apreciado é a presença de orientação no manual do professor sobre o uso das imagens do livro. Esse tipo de orientação é imprescindível, uma vez que se queira alcançar o alfabetismo visual e os graus de leitura mais altos, porque o professor tem que estar informado e orientado para conduzir as atividades e a leitura das imagens.

Segundo Kazumi Munakata,

[...] como suporte da organização das práticas escolares, o livro didático destina-se tanto ao aluno como ao professor. Os usos que um e outro fazem do livro didático são diversos, múltiplos: nem sempre se lêem esses livros porque se desconhece o seu conteúdo. Dito de modo mais claro: se um professor usa um livro didático, isso não significa necessariamente que ele seja malformado, ignorante, como fazem supor as metáforas de “muleta”, “escora” etc. (MUNAKATA, 2002).

Nossa intenção em examinar a presença de orientações no manual do professor, relativas ao tratamento das imagens, de forma alguma sugere haver ignorância do docente. Pelo contrário, nossa preocupação é verificar se e de que forma o livro supre as demandas por outras formas de leitura e de usos do livro didático pelo professor.

Pesquisas demonstram que o livro didático, diferentemente de outros textos impressos, tem, desde seu processo inicial de confecção, o pressuposto de uma leitura que necessita da intermediação do professor. Dessa forma, as práticas de leitura do livro didático fazem parte de um processo específico e contraditório de aprendizagem, no qual o livro é feito para ser usado de certa forma e é utilizado de outra (BITTENCOURT, p. 317). Reforçamos, então, a

ideia de deve existir nos livros didáticos um manual que dê subsídios para o professor obter informações que o auxiliem nas atividades com imagens.

Infelizmente, junto com a coleção “Pelos Caminhos da História” não foi oferecido um manual do professor. A única identificação de que os exemplares dessa coleção são “do professor” é um carimbo na folha de rosto de cada livro. No guia do PNLD, tivemos a oportunidade de verificar que a coleção realmente traz o anexo exigido, porém, como um dos critérios metodológicos deste trabalho era conseguir coleções doadas pela editora, como um professor comum, só podemos imaginar que para a distribuidora local não seria interessante colaborar com um professor em pesquisa, doando o material completo. Além de não vir acompanhada do manual, a coleção disponibilizada pela editora não traz comentários ou respostas referentes às lições ou exercícios do livro texto, descaracterizando assim o seu caráter de livro do professor.

Na coleção *Projeto Pitanguiá*, o manual do professor é um impresso em separado, que apresenta uma orientação que acompanha cada página do livro do aluno, sugerindo leituras, atividades e interação das imagens com os assuntos tratados no capítulo. Além disso, nas diretrizes gerais da coleção há menção ao trabalho com as imagens e sua importância.

Durante o decorrer das lições e atividades, aparecem sugestões, dicas e aconselhamentos aos professores, não só com o trato com as imagens, mas também com o intuito de inibir constrangimentos e preconceitos em sala de aula.

Seu manual está bem abastecido de discussões, sugestões e orientações diretas e indiretas sobre o trato com as imagens, tanto como documento histórico, quanto como texto imagético de importância para o aprendizado do aluno.

Na coleção *De olho no futuro*, o manual do professor encontra-se no final do livro e concede atenção para as atividades, com imagem que aparece por meio do conteúdo (identificadas pela página) e que são intituladas de “Trabalhando com os documentos”. Há um guia específico para lidar com cada tipo de fonte, e também orientação mais genérica a respeito de como o professor deve utilizar os recursos oferecidos dentro e fora do livro, para despertar a curiosidade do aluno sobre informações relativas às imagens. Também instrui o professor a fazer perguntas sobre as imagens aos alunos, instigando-os à pesquisa.

Embora traga algumas sugestões junto às lições, as orientações diretas ao professor com relação à imagem ainda são escassas, porque geralmente os textos destinados ao professor resumem-se às respostas das perguntas dos exercícios. Para um livro que traz a imagem como um dos textos principais, deveria haver uma preocupação mais apurada com o professor.

Conclusão

Embora a coleção *Pelos Caminhos da História*, do ponto de vista gráfico, traga imagens claras, nítidas, bem impressas, referenciadas e amplamente acompanhadas por legendas explicativas, esses pontos não ajudaram muito quando o objetivo da análise foi verificar se há um esforço por parte da coleção em incentivar a leitura e o desenvolvimento da imagem como texto, independente e imprescindível para o entendimento das lições. Através dos dados recolhidos, podemos afirmar que as imagens na coleção *Pelos caminhos da História* são tratadas de forma secundária e ilustrativa, não sendo empregado nenhum trato especial quanto à sua leitura e papel no processo de aprendizagem e usos na página do livro. Sua função primordial é motivar a leitura do texto escrito e ilustrar certos conceitos de forma redundante.

A coleção Projeto Pitangüá fez um excelente trabalho gráfico quando o assunto é qualidade das imagens. Também podemos elogiar o projeto imagético, com a organização de atividades sistemáticas de leitura e interpretação das imagens em todos os exercícios.

Podemos dizer que as imagens são vistas como um instrumento importante para o processo de ensino-aprendizagem, sendo valorizadas como um texto e como um documento que tem muito a oferecer para a leitura do aluno.

A coleção *De olho no futuro* faz um bom trabalho com as imagens que acompanham e que também representam o seu texto. No que diz respeito à alfabetização visual, a coleção apresenta uma proposta bem interessante, onde as atividades com a imagem estão implícitas em cada leitura de lição e que a presença destas são de caráter decisivo para o entendimento do texto e dos conceitos expostos.

Outra característica positiva da coleção é o uso das legendas, as quais, além de descrever as imagens, ocupam uma função de texto auxiliar, ajudando no entendimento da lição como um todo. A coleção apresenta dos pontos negativos: a pouca incidência de orientações diretas aos professores sobre as imagens e o fato de os créditos dessas imagens virem todos no final do livro, dificultando que o aluno perceba as perceba como documentos, porque, uma vez que esta apareça solta, sem nenhum tipo de referência, ele não enxerga nela um indício com o qual se constrói a História e sim uma simples ilustração do livro.

Dentre as três coleções pesquisadas, a coleção *Projeto Pitangüá* faz um excelente trabalho com atividades sobre imagens, organizadas sistematicamente em todos os capítulos e em todas as atividades. A coleção *De olho no futuro* tem como grande trunfo seu equilíbrio no trato com as imagens, posicionadas de forma que seu papel no corpo do livro seja

imprescindível e complementar ao mesmo tempo. Nesta coleção, as atividades de leitura e interpretação das imagens são colocadas a cada passo que o leitor dá na lição, de forma que seja necessária sua leitura e interpretação para que os conceitos explicitados pelo livro se desenvolvam. A coleção *Pelos caminhos da História* não oferece nada de excepcional nas atividades com imagens, trazendo uma apresentação mediana e trabalhando com as imagens, de forma que essas sejam meros acompanhantes do texto.

De acordo com as teorias do Alfabetismo visual e de Leitura da imagem apresentadas neste trabalho, podemos afirmar com bastante clareza que as coleções que mais preenchem as expectativas com relação ao trato das imagens, são “Projeto Pitangüá” e “Do Olho no Futuro”. A primeira traz um excelente conjunto de atividades direcionadas e sistemáticas, que levam o aluno a desenvolver a capacidade de aliar conceitos lidos com exemplos gráficos, e fazer a leitura e a relação das imagens com os conceitos trazidos pelas lições.

A segunda coleção não fica atrás e mostra como a imagem pode ser parte essencial do livro, sem que novas técnicas em atividades sejam inseridas em suas páginas. Esta coleção e teoria do alfabetismo visual é colocada a toda prova quando as imagens são colocadas como textos de leitura obrigatória para o entendimento do texto escrito e do conceito apresentado. A leitura e a interpretação são feitas de forma inconsciente e assistemática, mas faz do exercício da leitura uma prática recorrente e comum.

Concluindo nossa pesquisa, é importante mencionar que as três coleções analisadas possuem seus méritos e deméritos, quando o critério avaliado é ser um bom material didático, como o próprio guia do PNLD constata, porém, o objetivo maior deste trabalho é saber como os livros trabalham com as imagens.

Percebemos que não há um padrão no trato com a imagem, pois, ora ele aparece como parte importante no plano de construção do livro, ora aparece como um simples objeto estético. Também vimos que as editoras utilizam diversos tipos de imagem das mais diversas formas, fazendo da criatividade peça-chave para o sucesso das coleções.

Para o ensino fundamental na rede pública de educação, os livros didáticos constituem um dos primeiros suportes de representação das imagens, assim como principal meio de transmissão do conteúdo e, por vezes, único livro ao qual o aluno tem acesso. Por isso, pensamos que é de profunda importância que pesquisadores analisem e avaliem todos os aspectos dessas obras, a fim de que eles possam ser aperfeiçoados, e nossos alunos tenham acesso a livros cada vez melhores.

Referências

- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Coleção Pelos Caminhos da História**; 1ª a 4ª série. Curitiba: Positivo, 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia do livro didático 2007. História**: anos iniciais do ensino fundamental. Brasília: 2006.
- COMENIUS. **Didática Magna**; tradução: Ivone Castilho Benedetti. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COOPER, Hilary. **Didáctica de la História em la Educación Infantil y Primaria**. Trad. Pablo Manzana. Ministério de Educación Cultura y Desporte. Madrid. Espanha: Ediciones Morata, 2002.
- COSTA, Cristina. **Educação, imagens e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DIÉGUEZ, Rodríguez J. L.. **Las funciones de la imagen en La enseñanza**. Colección Comunicación Visual. Barcelona. Editorial Gustavo Gili. 1977.
- EDITORA MODERNA (org.). **Coleção Projeto Pitangua: História**: 1ª a 4ª série. São Paulo. Editora Moderna. 2ª edição. 2005.
- FREITAS, Itamar. **História regional para as séries iniciais da escolarização básica no Brasil**: o texto didático em questão. Disponível em: www.ensinodehistoria.com.br. 2007.
- GUERRA, Miguel Angel Santos. **Imagen y Educación**. Argentina: Magistério del Rio de la Plata, 1998.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MARTINS, Isabel, GOUVEA, Guaracira and PICCININI, Cláudia. **Aprendendo com imagens**. *Cienc. Cult.* [online]. Oct./Dec. 2005, vol.57, no.4 [cited 16 August 2007], p.38-40. Available from World Wide Web: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php> ISSN 0009-6725.
- MAUAD, Ana Maria. **As imagens que educam e instruem**: usos e funções das ilustrações nos livros didáticos de história. In: Dia, Margarida e Stamatto, Ines. **O Livro didático de história: políticas, educacionais, pesquisas e ensino**, Natal: Ed. UFRN, 2007.
- MUNAKATA, Kazumi. **Livro didático e formação de professor são incompatíveis?**. In Congresso Brasileiro de qualidade na Educação: formação de professores. Ed. M. A. Marfan. Brasília: MEC .2002.

PANOFSKY, Erwin. **Significados nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva. 3ªed. 1991

PINELA, Thatiane; GIARETTA, Liz Andréia. **De olho no futuro: história e geografia**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2005.

PURIFICAÇÃO, Ana Teresa de Souza e Castro da. **(Re)criando interpretações sobre a Independência do Brasil: um estudo das mediações entre memória e história nos livros didáticos**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

MITCHELL, W. J. T. **Como caçar (e ser caçado por) imagens**. In Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-compós, (Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009).

SANTAELLA, L. (1983). **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1998.